

A Filosofia da Iluminação

Texto de Hossein Ziai - Introdução ao livro Hikmat al-Ishraq, A Filosofia da Iluminação

A natureza da Filosofia da Iluminação tem sido um assunto controverso. No século 13, Shams al-Din Shahrazuri (1288) escreveu, "A Filosofia da Iluminação (Hikmat al-Ishraq) é a filosofia baseada na iluminação (ishraq) que é desvelada, ou a filosofia do ocidente, que quer dizer, a dos Persas". Ele acrescenta,

"Ela equivale à mesma coisa, uma vez que a filosofia deles é baseada no desvelamento e na intuição e assim é relacionada com a iluminação que é a manifestação das luzes inteligíveis, ou dos seus primeiros princípios, e suas emanações da iluminação sobre as almas aperfeiçoadas quando são abstraídas da matéria corpórea. Os Persas confiam no desvelamento e na intuição em sua filosofia. Os antigos filósofos da Grécia fizeram o mesmo, com a exceção de Aristóteles e sua escola, que confiam apenas no raciocínio e no silogismo."

Shahrazuri captura as características da filosofia Iluminacionista e a controvérsia mais importante relativa à sua natureza. A filosofia de Suhrawardi difere dos peripatéticos islâmicos como Avicena ao conferir um papel epistemológico fundamental à intuição imediata e atemporal. A intuição possui um papel essencial, tanto no nível básico da sensação quanto na forma do despertar místico direto das entidades supersensíveis que Suhrawardi chama de "luzes imateriais". Sua filosofia é explicitamente anti-peripatética e é identificada com os sábios pré Aristóteles, particularmente Platão. Como os neoplatonistas dos tempos romanos, ele estava convencido de que sua sabedoria era também expressada, embora geralmente em formas simbólicas, pelos antigos sábios de outras nações, particularmente os egípcios, representado por Hermes Trimegistus, e os antigos sábios persas e os reis justos. A controvérsia, já prefigurada na passagem citada acima, existe em relação ao grau em que a filosofia de Suhrawardi pode ser vista como Persa. Considerando outro caminho, a disputa relaciona-se com, se o pensamento de Suhrawardi pode ser visto como primariamente uma tentativa de construir um sistema filosófico ou como misticismo e gnosticismo.

O próprio Suhrawardi identifica dois períodos em seu pensamento, divididos pelo sonho com Aristóteles revelando a doutrina chave do conhecimento pela presença e por sua aceitação da realidade das Formas Platônicas. Trabalhos escritos antes deste momento são peripatéticos em sua doutrina; os trabalhos posteriores refletem seu pensamento Iluminacionista. O trabalho de Suhrawardi pode ser dividido em 4 classes:

1. Juventude: Suhrawardi escreveu um número de trabalhos filosóficos antes do desenvolvimento de sua visão filosófica distinta, talvez como exercício.
2. Trabalhos persas e místicos: ele também escreveu um grande número de trabalhos curtos em árabe e em persa que abordavam tópicos místicos. Os mais conhecidos são as alegorias, a maioria em prosa persa. Também existem orações.
3. Os trabalhos "peripatéticos" maduros: Existem três compêndios filosóficos: Al-talwihat (- no original, intimations), Al-muqawamat (- no orig., apposites), e Al-mashari wa al-mutarahat (Caminhos e refúgios). Eles foram escritos na

linguagem filosófica convencional de Avicena mas criticam os peripatéticos em muitos pontos.

4. Hikmat al Ishraq: A filosofia da iluminação.

As interrelações entre estes trabalhos têm sido matéria de muita controvérsia, o que reflete as diferentes interpretações da natureza do projeto filosófico de Suhrawardi. Entre os ocidentais existiram duas abordagens importantes. Henri Corbin, um orientalista francês, viu o projeto de Suhrawardi como uma "Teosofia Oriental". Os trabalhos peripatéticos foram ou puramente propedêuticos ou uma fase intermediária de seu pensamento. Entre os trabalhos filosóficos, o livro A Filosofia da Iluminação permanece isolada como sendo representativa do pensamento maduro de Suhrawardi. O que é importante neste trabalho é a metafísica da luz e sombra e, em geral, os elementos mitológicos do pensamento de Suhrawardi. As alegorias e os trabalhos místicos são vistos da mesma forma, como representativos do final e mais elevado estágio do seu pensamento. A identificação cultural primária de Suhrawardi é com o Irã antigo. Embora a interpretação de Corbin tenha raízes pré-modernas, elas estão na filosofia Zoroastra dos Iluminacionistas do Mughal, Índia. A interpretação de Corbin está expressa não apenas em seus estudos de Suhrawardi, mas também em suas traduções, e mesmo em suas edições comentadas dos trabalhos de Suhrawardi. O uso de termos como "teosofia" e "oriental" indicam o foco fundamentalmente mitológico do interesse e interpretação de Corbin.

Outros autores - e nós estamos entre eles - vêem o programa de Suhrawardi como fundamentalmente filosófico e consideram os trabalhos "peripatéticos maduros" como parte do mesmo programa filosófico. Em uma tal interpretação, a lógica de Suhrawardi e a crítica metafísica dos peripatéticos é central em seu empreendimento. Suhrawardi apresenta o que é fundamentalmente uma filosofia - embora uma com espaço para o uso da alegoria e da experiência mística - e assim, ela deve ser interpretada e julgada em termos filosóficos.

Esta aproximação a Suhrawardi, na qual os trabalhos peripatéticos e a Filosofia da Iluminação são vistos como um corpo interdependente e coerente, é endossado pelo exemplo da tradição filosófica iraniana posterior, que quase sempre discute Suhrawardi usando a terminologia convencional de Avicena e encara como seus pontos de partida precisamente aqueles pontos onde Suhrawardi ataca Avicena e os peripatéticos islâmicos; a prioridade da quiddidade, as Formas Platônicas, a epistemologia da presença, a rejeição da definição aristoteliana, e assuntos relacionados.

Em termos da Filosofia da Iluminação, estes são tópicos que derivam da seção em lógica e filosofia discursiva. Suhrawardi refere-se à "filosofia discursiva" como uma das duas constituintes da filosofia perfeita. A "filosofia intuitiva", a outra metade, tem prioridade em estabelecer os princípios da filosofia. A distinção é feita por Aristóteles, onde ele confere prioridade às "premissas primárias conhecidas imediatamente" na ciência. Muito freqüentemente, a filosofia intuitiva é interpretada como um experiência mística. A combinação das filosofias discursiva e intuitiva em um sistema consistente - a filosofia da Iluminação - foi a maior conquista de Suhrawardi, aos olhos dos biógrafos medievais e dos comentaristas dos textos Iluminacionistas.

É apropriado dizer algo aqui sobre a principais particularidades da doutrina de Suhrawardi e de sua escola.

Primeiro, encontra-se a doutrina do "conhecimento pela presença". Suhrawardi enfatiza que todo conhecimento envolve algum tipo de confrontação direta e imediata do conhecedor e o conhecido. Em geral, ele rejeita mecanismos intermediários como formas de explicar os vários tipos de conhecimento. No nível inferior, isto envolveu uma rejeição das teorias intra e extramissão da visão e de teorias similares para explicar os outros sentidos. Ao nível da lógica, ele rejeitou a definição peripatética essencial, argumentando que as essências podem vir a ser conhecidas apenas através de um conhecimento direto. No nível superior, a intuição é o meio pelo qual as entidades supra sensíveis podem ser conhecidas. O conhecimento pela presença foi também invocada para resolver a dificuldade peripatética notória do conhecimento de Deus dos particulares.

Segundo, encontra-se a doutrina da "prioridade da quiddidade". Embora o próprio Suhrawardi parece não ter usado o termo, intérpretes posteriores caracterizaram a ontologia como "prioridade da quiddidade", em contraste com a afirmação de Mulla Sadra da "prioridade da existência". Este tema aparece da famosa distinção de Avicena da quiddidade e da existência de uma coisa real. Suhrawardi argumenta que a existência de uma distinção mental válida não implica a existência correspondente de uma real distinção nas coisas concretas. Em outras palavras, tais entidades metafísicas como existência, necessidade, unidade, e outras, são "seres da razão" e apenas as entidades individuais concretas realmente existem.

Finalmente, é claro que o próprio Suhrawardi via a questão das Formas Platônicas como sendo o assunto que o unia aos Antigos contra os peripatéticos. Uma vez que ele via as formas não como entidades epistemológicas mas como explicações metafísicas para a ordem no mundo, ele estruturou o assunto em termos de um número de intelectos imateriais. Os peripatéticos, aos quais ele refere-se principalmente a Avicena, aceitavam a hierarquia de apenas dez de tais intelectos. Os Iluminacionistas acreditavam que havia um número muito maior, muitos deles iguais em nível, mas diferentes em tipo.

A História da Escola Iluminacionista

Uma história compreensiva da escola Iluminacionista ainda está por ser escrita. Exceto pelos poucos anos que Suhrawardi esteve em Alepo, a escola nunca existiu como um grupo organizado ou institucionalizado como os Pitagóricos, os primeiros Platonistas, ou os filósofos Ismailitas. Suhrawardi afirma em seu livro *A Filosofia da Iluminação* que a compreensão apropriada do livro dependia de "aquele que se ergue com o livro", a designação de Suhrawardi para seu sucessor e intérprete. Está implícito em seu sistema que tenha havido tal pessoa. Shahrazuri comenta que as andanças de Suhrawardi foram motivadas pela busca de um tal companheiro intelectual mas acrescenta que ele nunca o encontrou. No entanto, os discípulos de Suhrawardi se dispersaram com sua morte e ao que parece, não sabemos o nome de nenhum deles - com exceção, é claro, de al-Malik al-Zahir. Os livros de Suhrawardi circularam amplamente depois de sua morte, mas sem o acompanhamento de uma tradição oral de interpretação.

O primeiro defensor proeminente da filosofia de Suhrawardi foi Shahrazuri, que surgiu no meio do século treze. Embora ele fosse o autor de muitos trabalhos amplamente lidos, ele permanece como uma figura misteriosa. Contrário a certas informações, ele certamente não foi um estudante direto de Suhrawardi, nem foi ensinado por um; além

da disparidade de datas, ele deixa claro na introdução de seu comentário ao livro *A Filosofia da Iluminação* que seu conhecimento de Suhrawardi vinha dos livros. Outro expositor antigo da filosofia Iluminacionista foi Ibn Kammuna, cujo *A Nova Filosofia* é uma versão da filosofia Iluminacionista e que escreveu um comentário sobre um outro livro de Suhrawardi o *Al-Tawihat*. Os dois séculos seguintes passaram como que em branco. Embora alguns comentários sobre o trabalho de Suhrawardi tenham sido escritos por Ghiyath al-Din Dashtaki e Jala al-Din Dawwani perto do início do século dezesseis, pouco é conhecido sobre a filosofia neste período.

A revifcação mais importante da escola Iluminacionista está associada com a "escola de Isfahan" no final de século 16 e século 17 e uma revifcação curiosa do interesse nas tradições zoroastras em Mughal Índia, ao mesmo tempo. O interesse mostrado pelos membros da Escola de Isfahan foi filosófico. O grande expoente da visão de Suhrawardi foi Mir Damad (1631). Seu estudante, Mulla Sadra, geralmente considerado o filósofo islâmico mais significativo do período, rompeu com Mir Damad e com a tradição Iluminacionista em certos pontos significativos, o mais importante tema sendo a realidade e a prioridade da existência. Ao passo que Suhrawardi e seus seguidores consideraram a existência como sendo um "ser da razão" produzido pela atividade da mente, Mulla Sadra mantinha que havia um tipo mais profundo de existência à qual a crítica de Suhrawardi a Avicena não se aplicava. Assim, na tradição posterior da filosofia iraniana, pode-se dizer que existem dois ramos da tradição Iluminacionista: uma que segue Suhrawardi no sentido da prioridade da quiddidade; e a outra, liderada por Mulla Sadra, que criticava Suhrawardi nos pontos maiores mais ainda definia a si mesma em termos dos assuntos que Suhrawardi havia primeiramente colocado. Desde Mulla Sadra, os filósofos iranianos têm sido divididos naqueles que suportam e nos que rejeitam a crítica de Mulla Sadra a Suhrawardi, com os que seguem Mulla Sadra geralmente no predomínio. Ambas as escolas existem no Irã atualmente, e *A Filosofia da Iluminação* é ainda ensinada nas academias teológicas.

Em Mughal Índia, os aspectos mitológicos dos trabalhos de Suhrawardi atraíram um grupo de intelectuais iranianos e parsis liderados por Adhar Kaywan, um sacerdote zoroastra. Para eles, Suhrawardi, com suas alusões à doutrina da luz e sombra entre os antigos persas, provê uma forma intelectual respeitável do conhecimento zoroastra - que foi expresso em algumas das produções desta escola. Uma expressão mais filosófica da escola hindu é encontrada no comentário persa de Hirawi ao texto *A Filosofia da Iluminação*.

Nas partes ocidentais do mundo islâmico, no entanto, a filosofia de Suhrawardi tem pouca influência, embora a paráfrase de partes do texto *A Filosofia da Iluminação* seja encontrada no trabalho de Nazrid (1375). Na filosofia medieval da Europa, ela provavelmente não tem influência alguma.